

# Dia a dia

AJ20123



## Acidente.

Parte de um prédio desabou, ontem à tarde, e feriu duas pessoas no Bairro Bonfim, em Vitória. PÁG. 4

**Opinião.** Para gestão municipal, a estrutura é boa; especialista diz que turismo pode ser prejudicado

# Prefeitura não tem projeto para Mercado da Vila Rubim

**A única mudança prevista é a construção de um estacionamento próximo à Ponte Seca, sem prazo**

PRISCILLA THOMPSON  
pessini@redgazeta.com.br

■ O Mercado da Vila Rubim, em Vitória, aos poucos começa a se recuperar de mais um incêndio que trouxe prejuízo e medo aos comerciantes do local. Diante disso, uma antiga pergunta volta a ser feita: o que fazer para recuperar os prédios do mercado e tornar a região atrativa para o turismo?

A única perspectiva de mudanças está na construção de um estacionamento próximo à Ponte Seca, que não tem prazo para ser iniciado. A proposta é da Prefeitura de Vitória e faz parte do projeto do Portal Sul, que deverá alterar todo o tráfego de veículos na região entre o cais do Porto de Vitória e o Sambódromo.

Na opinião do Secretário de Desenvolvimento da Cidade, Kleber Frizzera, a estrutura dos edifícios do mercado, porém, está em boas condições e não precisa passar por reforma. "Alguns prédios são da década de 70, outro foi feito há cerca de três anos, e a fiação elétrica é recente. Também reformamos as calçadas e melhoramos o acesso de veículos ao local", afirma.

Mas, entre os lojistas, a reclamação é geral. Muitos se dizem ameaçados pelo fogo, que em 1994 destruiu mais de 40 lojas, matou quatro pessoas e que, mesmo depois, chegou a provocar prejuízos menores, como os do último sábado, que afetou o Mercadão e destruiu quatro lojas.

Os investimentos para que a região se desenvolva e para que o mercado se transforme em referência turística estão longe de se tornar ideias, aponta o presidente do Espírito Santo Convention & Visitors Bureau, entidade que apoia o turismo no Estado, Maely Coelho.

"As estruturas podem estar boas, mas não existe projeto que valorize a região e a torne atrativa aos turistas e aos capixabas", critica. De fato, não há. Para Frizzera, apenas a construção do estacionamento, uma reivindicação dos comerciantes e moradores da região, pode resolver o problema. "Se ampliarmos o acesso ao local e melhorarmos o entorno, o mercado também será beneficiado", afirma.

Para Maely, porém, poucas mudanças não são suficientes. "O excepcional é inimigo do bom. Quando você deixa de fazer o bom porque não dá para fazer o excepcional, acaba não fazendo nenhuma coisa nem outra. E quem é penalizado é o turista", diz.

## Uma loja em cada prédio para evitar prejuízo

■ A estratégia criada pelo comerciante Roque Rasseli, 54 anos, para escapar dos prejuízos provocados pelos constantes incêndios na Vila Rubim foi abrir uma loja em cada um dos prédios do mercado, totalizando três estabelecimentos. Por isso, o que ele perdeu no incêndio do último sábado não foi motivo para desespero, ao contrário do que aconteceu em 1994, quando ele perdeu tudo. "O mercado não tem mais solução. Há prédios condenados por todos os lados. O único jeito seria reformar tudo, mas ninguém parece estar disposto a isso", diz.



FÁBIO VICENTINI



FÁBIO VICENTINI

## Estabelecimento escapou do fogo por pouco

■ Ao lado da estátua de Iemanjá, que se tornou o símbolo do mercado da Vila Rubim depois de ter escapado do incêndio de 1994, o comerciante Antônio Braz Rasseli, irmão do também comerciante Roque Rasseli, diz que os prédios estão em perfeitas condições, mas que faltam projetos que

Desenvolvimento da Cidade, Kleber Frizzera, a estrutura dos edifícios do mercado, porém, está em boas condições e não precisa passar por reforma. "Alguns prédios são da década de 70, outro foi feito há cerca de três anos, e a fiação elétrica é recente. Também reformamos as calçadas e melhoramos o acesso de veículos ao local", afirma.

ao local e menorarmos o entorno, o mercado também será beneficiado", afirma.

Para Maely, porém, poucas mudanças não são suficientes. "O excepcional é inimigo do bom. Quando você deixa de fazer o bom porque não dá para fazer o excepcional, acaba não fazendo nenhuma coisa nem outra. E quem é penalizado é o turista", diz.

## Parte do galpão volta a funcionar

GILDO LOYOLA



**INVESTIGAÇÃO.** Uma das hipóteses é que o fogo tenha sido causado por um usuário de drogas

### Corpo de Bombeiros investiga as causas do incêndio, mas o setor F continua interdito

■ Alguns comerciantes da Vila Rubim, em Vitória, que trabalhavam no galpão que pegou fogo, no último sábado, respiraram mais aliviados, ontem. Os estabelecimentos localizados no setor E do galpão foram liberados para funcionamento, depois da vistoria realizada por engenheiros da prefeitura e técnicos da Defesa Civil Municipal. No entanto, o Corpo de Bombeiros ainda investiga o que deu origem ao incêndio.

Nenhuma hipótese foi descartada ainda, segundo o tenente-coronel do Corpo de Bombeiros, Samuel Rodrigues. Os peritos fizeram a coleta de vestígios e analisaram os indícios para dar sequência ao trabalho de análise pericial. Nesta semana, serão tomados os depoimentos.

"Nenhuma hipótese está

descartada. Cogitou-se até que teria sido causado por usuários de drogas, mas não foi confirmado ainda. É apenas uma tese. Há outras que estão sendo analisadas e uma outra possível é a questão de um incêndio causado por um fenômeno elétrico, ou seja, um curto-circuito ou uma sobrecarga", ressalta o tenente-coronel.

A perícia, realizada pelos Bombeiros, estará concluída dentro de dez dias. Enquanto isso, por medida de segurança, o bloco mais afetado continua interdito.

O galpão atingido pelo incêndio é dividido em dois setores, E e F, sendo que o último foi o mais afetado e, por isso, ainda não foi liberado. O resultado da vistoria feita pela prefeitura será divulgado até amanhã.

A dona de uma loja de produtos naturais, Gilda Gomes, 34 anos, não pode reabrir o estabelecimento, porque ele se encontra na área de risco. "Tenho que esperar, mas não sei o que vou fazer", diz.



por pouco

■ Ao lado da estátua de Iemanjá, que se tornou o símbolo do mercado da Vila Rubim depois de ter escapado do incêndio de 1994, o comerciante Antônio Braz Rasseli, irmão do também comerciante Roque Rasseli, diz que os prédios estão em perfeitas condições, mas que faltam projetos que revitalizem a região. "Temos tudo para ser um grande mercado, mas precisamos de estacionamento para ônibus e de programas de incentivo ao turismo. Por pouco, minha loja não foi destruída no incêndio, mas até quando vamos ter essa certeza, não sabemos", diz.

### Análise

## TURISTA NÃO QUER SÓ PRAIA E MONTANHA

**MAELY COELHO**  
Presidente do Espírito Santo  
Convention & Visitors Bureau

■ O mercado da Vila Rubim possui um grande potencial turístico que, infelizmente, não é explorado. Vitória até hoje não possui um mercado modelo de referência para a compra e venda de artesanatos, a exemplo de outras capitais, como Recife, Porto Alegre, Ceará e Maceió. Se o projeto do mercado que temos hoje fosse reformulado e contasse com algumas poucas adequações, certamente se tornaria um dos três principais pontos de visita no Estado. Ao contrário do que se pensa, o turista não quer saber só de praia ou montanha. Ele quer levar uma lembrança para casa, conhecer o que se produz aqui e, claro, poder encontrar tudo em um só lugar. A maior vantagem é que, para mudar a cara da região e do mercado, não precisariam ser feitas grandes alterações físicas. A estrutura dos galpões e prédios da Vila Rubim são boas, mas seria preciso mudar a finalidade comercial das lojas e oferecer aos turistas o que temos de melhor.

## Até R\$ 15 milhões para obras nas vias

■ As obras do Portal Sul, que deverão modificar o acesso e ampliar o tráfego de veículos na região próxima à Vila Rubim – separando, por exemplo, o Porto de Vitória, e o de carros e ônibus que passam pelo Centro – ainda não têm previsão para serem iniciadas, mas o valor necessário para a desapropriação de 11 imóveis na região já foi calculado: de R\$ 12 a R\$ 15 milhões.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento de Vitória, Kleber Frizzera, os prédios, localizados próximos à antiga loja Giacomini, no Centro, já estão passando por processo de desapropriação para que permitam ser feitas as al-

terações viárias necessárias. "Os custos para as desapropriações, excluindo as demolições, serão divididos com o governo do Estado", disse.

Desde 2007, a prefeitura anuncia a realização do Portal Sul, cujo projeto, segundo o secretário, será elaborado este ano. Em 2009, o secretário chegou a anunciar que o mercado seria revitalizado até 2011, qualificando o local e ampliando a oferta de produtos. Hoje, porém, o entendimento é de que apenas com as alterações viárias será possível modificar a cara da região. "Algumas reformas já foram feitas, e o que falta, agora, é um estacionamento amplo para atender aos comerciantes", diz Kleber.

### Pequena mudança salvou banca de revistas

■ A proprietária de uma banca de revistas, Fernanda Benáquio, 40, acredita que o destino não quis que ela perdesse a banca em que trabalha, desde jovem. Há 40 anos, a banca ficava localizada ao lado da loja Vila Rica, uma das mais prejudicadas com o incêndio do último sábado. Há cerca de dois meses, no entanto, ela e o irmão que trabalham no local, decidiram mudar a banca de

lugar, para poucos metros da loja. "O que aconteceu aqui na Vila Rubim foi uma tragédia. Meu irmão, quando ficou sabendo, correu para ver se tinha acontecido algo com a banca. Os bombeiros, no entanto, falaram que era para ficarmos tranquilos", conta. Eles passaram a noite toda vigiando a banca e torcendo para que ela não fosse atingida. "Foi muita sorte, mas é Deus quem manda. Nós mudamos há pouco tempo e olha o que aconteceu. Agora e ajudar nossos amigos que estão no meio dessa tristeza toda", diz.

## Hidrantes não foram usados no combate ao incêndio

■ Os hidrantes instalados na Vila Rubim, após o incêndio ocorrido em 1994, como sistema preventivo contra incêndios, não foram usados pelos comerciantes. O tenente-coronel, Samuel Rodrigues, explicou que as chaves e as mangueiras dos hidrantes foram guardadas pelos comerciantes em local de difícil acesso, o que dificultou que o material fosse pego a tempo.

Os hidrantes foram colocados como uma forma de acrescentar segurança aos estabelecimentos da Vila Rubim, assim como diversas mangueiras espalhadas pelos prédios. Eles funcionam de forma semelhante aos hidrantes dos prédios residenciais e podem ser utilizados em princípios de incêndio por populares ou pelos lojistas, neste caso.

"Eles poderiam ter sido utilizados no momento do incêndio, mas assim que os comerciantes tiveram acesso ao material, os bombeiros já estavam atuando com eficiência", conta o tenente-coronel.

Ele recomenda que as pessoas que moram ou trabalham em prédios que têm esse tipo de equipamento guardem as mangueiras e as chaves em lugares acessíveis e de fácil alcance. (Melina Mantovani e Priscilla Thompson)